

QUAL É O PAPEL DAS EMPRESAS MULTINACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DIGITAL NO BRASIL?



Cleber Morais

Responder a essa pergunta é, sobretudo, um exercício de voltar no tempo, uma forma de colocar em retrospectiva – e, depois, em perspectiva – a história da tecnologia no mundo e no Brasil. É também voltar à minha própria história profissional. Afinal, com mais de três décadas atuando nesse mercado, creio ter algumas histórias para contar.

Minha trajetória profissional começa em 1988, quando ingressei, recém-formado, em Engenharia Elétrica, na IBM. O mundo e o mercado de tecnologia não eram como os conhecemos hoje. Desde 1984, estava em vigência a Política Nacional de Informática (PNI), Lei Federal 7.232/84, popularmente conhecida como lei da reserva de mercado. Os controles de acesso à tecnologia e à atuação de empresas estrangeiras no Brasil, no entanto, existiam desde o início dos anos 1970, quando da criação da CAPRE – Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico. O Brasil era um país fechado aos investimentos estrangeiros, em uma tentativa de “proteger o mercado local”, o que não impediu que pouco antes do fim da década de 80 eu atuasse em uma multinacional que operava em solo brasileiro há mais de 70 anos. A PNI foi oficialmente extinta em 1992, conforme previsto no decreto de sua criação.

Na época, eu naturalmente não tinha a mesma clareza com a qual consigo contar essa história hoje, mas vi muito de perto um movimento que se desenhou bastante nítido. Ao longo dos anos de vigência da PNI e na década que antecedeu a lei, a situação do mercado exigia que nossos profissionais exercitassem a criatividade para driblar as severas restrições de acesso a tecnologias. Ao longo dos anos, nasceram empresas fundamentais para a digitalização do País, como Cobra, Itautec, Scopus, Edisa e Elebra, para citar algumas.

No fim dos anos 1980, quando entrei para o setor, o capital estrangeiro que chegava ou voltava até aqui vinha com novidades tecnológicas, mas também em busca dos talentos nascidos ao redor desse vibrante ecossistema de empreendedorismo. Jovem, passei um ano em treinamento nesse meu primeiro emprego, em capacitação, aprendendo e me desenvolvendo, assim como tantos outros pares e colegas. Fazíamos parte de um embrião que, depois, se tornou a espinha dorsal do papel das empresas multinacionais no desenvolvimento das capacidades digitais no Brasil: aportar tecnologia e capital, mas sempre estimulando o conhecimento local e se retroalimentando.

Traçando um paralelo simplista com outras indústrias durante a década de 1990 – que, em alguns casos, foram na contramão desse movimento –, o que vimos nascer com o fim das barreiras da reserva de mercado foi um processo de injeção de capital estrangeiro para potencializar o desenvolvimento do capital intelectual brasileiro. Já se sabia da capacidade dos nossos talentos, do potencial do nosso mercado interno para o consumo de tecnologia e, mais adiante, do nosso potencial de sermos – nós brasileiros – desenvolvedores e exportadores de tecnologia, de profissionais e de conhecimento.

A abertura do mercado fez dos anos 1990 um dos momentos mais vibrantes da história do setor de tecnologia no Brasil, com a chegada de conhecimento, investimentos, novas empresas e, principalmente, o surgimento de oportunidades para milhares de profissionais liberarem seu potencial.

Nascem ou crescem significativamente, nessa época, empresas emblemáticas em nossa história, não só criadoras de tecnologia, mas capazes de cobrir todo o escopo do setor – canais de distribuição, integradores, centros de capacitação, fabricantes de *hardware* e *software*.

Nessa época, tive o privilégio de trabalhar em outra empresa focada em tecnologia e capacitação de ecossistemas e de profissionais, que foi a Sun Microsystems. Pude experimentar e viver de muito perto o início do uso massivo da internet. Estávamos em plena era de ouro da baixa plataforma, do alto poder de processamento em computadores que não precisavam mais ocupar andares inteiros para operar.

Mais que um momento de repensar o *hardware* e tudo o que estava ao seu redor, era fervilhante a ideia de uma rede mundial de computadores que iria mudar radicalmente o mundo. O que se provou verdade. Basta olharmos o mundo ao nosso redor hoje e ver que passamos pelo momento mais tangível da transformação digital, o que antes, em um passado nem tão distante, limitava-se a uma previsão ou algum lugar no horizonte.

Nesse momento, já como presidente da operação local de uma multinacional de origem norte-americana, vi novamente um grande esforço de capacitar mão de obra e viabilizar projetos locais. Junto com o C.E.S.A.R. (Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife), formamos centenas de profissionais em linguagem Java. Profissionais esses que, certamente, ainda estão no mercado, fazendo diferença em suas posições atuais e ensinando tantos outros. Mais uma vez, a mesma ideia balizava nossa atuação: fomentar a formação e o crescimento de um ecossistema no País.

Minha carreira me levou a outros mercados ainda dentro do universo de tecnologia, onde pude testemunhar e tomar parte de um grande movimento de transformação digital no segmento de comunicação empresarial. Por quatro anos, na Avaya, liderei novamente uma multinacional de origem norte-americana que cumpria seu papel de fomentar o mercado local por meio de parcerias, desenvolvimento de mercado e educação.

Ao todo, fiz minha carreira em empresas que, em sua maioria, seguem operando no País de forma saudável e competitiva, contratando talentos brasileiros e abrindo espaço para muitos se tornarem inclusive expoentes globais em suas organizações.

Esse é, talvez, um dos maiores diferenciais da forma como a maioria das multinacionais de tecnologia atuou e segue atuando no Brasil: não constituindo relações predatórias ou impositivas, seja no campo da tecnologia ou das ideias. O mundo de TI entendeu que para ter sucesso seria imprescindível efetivamente fomentar o desenvolvimento do mercado. A qualidade de nossos profissionais, o tamanho do mercado potencial e as capacidades desenvolvidas por nosso sistema financeiro (sempre tido como uma referência global) são fatores que ajudam a explicar tal fenômeno.

Depois de mais de 23 anos atuando em multinacionais norte-americanas, minha carreira toma um rumo natural e se cruza claramente com o desenvolvimento do mercado brasileiro. Desembarco, finalmente, em uma multinacional brasileira. E vejo – na prática e na pele – a importância de toda a evolução conquistada desde a abertura de mercado.

Nascida de um sonho de empreendedorismo, fruto de dois trabalhos de dissertação de seus fundadores sobre impressoras matriciais em um curso de pós-graduação no Paraná, a Bematech foi uma grata surpresa. A companhia já ganhava o mundo quando cheguei. Ali tangibilizava-se o potencial do país, da tecnologia e dos talentos que faziam daquele sonho, realidade. Sabendo navegar muito bem toda a complexidade do varejo, do sistema financeiro e do fisco local (que também alavancou, como sabemos, o sistema bancário e, mais recentemente, impulsionou as *fintechs*) – a Bematech cresceu para muito além das nossas fronteiras geográficas.

Era esse papel inicial das multinacionais, tão importante lá atrás, materializando-se. Estimulado e capitalizado, o mercado – que já era um grande ecossistema, um modelo win-win para todos – florescia.

Nos últimos anos, todos nós vimos milhares de *startups* nascerem em solo nacional, escalarem, pivotarem e se capitalizarem (para usar todos os jargões desse mundo tão incrível). Segundo a Associação Brasileira de Startups (Abstartups), o Brasil tinha – no início 2020 – 12.700 *startups*. Esse número é 27% maior do que em 2018 e 20 vezes maior do que em 2011. A mesma reportagem do GI¹ que trazia esses dados computava, à época, 11 unicórnios brasileiros. A última contagem, do início de 2021², já dá conta de 15. De acordo com levantamento da plataforma de inovação Distrito³, apenas em novembro de 2019 as *startups* brasileiras captaram 344 milhões de dólares.

Quando minha missão na Bematech foi concluída, era hora de experimentar uma nova multinacional, agora de origem europeia. E, novamente, conheci de perto outras indústrias se transformando digitalmente – Indústria 4.0, energia, sustentabilidade, diversidade. Os temas e práticas da Schneider Electric eram variados e, em todos os pontos de contato da empresa com o Brasil – onde tem uma longa história e consistente presença – eram (e são) voltados para estimular, capacitar e fomentar desenvolvimento.

Sem dúvidas, tive a honra de atuar em uma série incrível de empresas globais com pensamento, atuação e respeito pelo local. A bem da verdade, coincidência ou não, a minha história profissional e a evolução da tecnologia se confundem e se fundem, já que ambos os nossos desenvolvimentos,

simbioticamente, buscam viabilizar o sucesso de nossos clientes, de maneira ética, transparente e sustentável. É uma forma de ser e atuar incansável, trilhando novos caminhos, sob novas óticas, mudando as perspectivas e criando, direta ou indiretamente, ecossistemas favoráveis ao desenvolvimento.

E, então, desembarcamos agora no momento em que escrevo o capítulo mais atual da minha carreira e no que temos de mais contemporâneo quando pensamos em tecnologia: a nuvem, que viabiliza a transformação digital de tantos negócios, nos mais diversos setores, desbloqueando a criatividade e revelando oportunidades incríveis.

Liderar a operação local da AWS e, ao mesmo tempo, olhar para trás para escrever esse artigo é muito oportuno – inclusive, agradeço à FDC pela oportunidade de reviver tudo isso. Afinal, para responder à pergunta que me foi feita, “qual a importância das Multinacionais nas Capacidades Digitais no Brasil?”, foi importante analisar o trabalho de uma vida. Explico-me.

Contribuir nas capacidades digitais do nosso país foi o construto de muitas coisas, o conjunto de muitas ações como, por exemplo, ter participado da abertura de mercado aportando capital financeiro e apoiando o desenvolvimento do capital intelectual local, gerando empregos e capacitando pessoas. Um ponto de suma importância, aliás, assim como criar um ecossistema de empresas fortes, de diversos tamanhos e que segue gerando riquezas. Ou ainda abrir espaço para que a tecnologia, aqui, também fosse desenvolvida, tropicalizada e adaptada às nossas necessidades. Outro ponto foi entender que uma postura exploratória, onde apenas um ganha, não seria sustentável. Foi, enfim, colaborar e seguir colaborando para que nascesse um termo para além das multinacionais: as metanacionais.

Conheci o termo e o conceito por meio do trabalho do professor de Práticas de Gestão Global do INSEAD, José Santos, no qual ele defende que o maior desafio das companhias é desenvolver valor para além das fronteiras geográficas: é adaptar-se a outros países⁴.

E estar na AWS – uma empresa que no mesmo ano em que completa 15 anos de fundação nos Estados Unidos também completa 10 anos no Brasil – é entender

que estou, de fato, em uma multinacional. Pois é nítido ver sua adaptabilidade aos mercados estrangeiros e ao nosso, em particular. Ter construído uma estrada tão sólida onde quer que opere é, certamente, motivo de orgulho. Mas é também o reflexo de entender, claramente, a capacidade, o potencial, a realidade e as necessidades de cada localidade. Tudo isso com muita responsabilidade, investimento em capacitação e fomento dos ecossistemas locais.

Para cumprir seu papel de fomentar o mercado, a AWS possui programas como o AWS Activate, que fornece os meios para empreendedores e *startups* superarem desafios por treinamento técnico, créditos promocionais para utilização de serviços de computação em nuvem e mentoria, além de outras vantagens. As *startups* podem ser selecionadas para receber até US\$ 100 mil em créditos para serem utilizados em um ano. Além disso, há ampla oferta de treinamentos e oportunidades de aprendizado para o mercado por meio do AWS Educate, que tem como objetivo ajudar na formação da próxima geração de profissionais de TI e nuvem. Essa iniciativa global disponibiliza a alunos e professores os recursos necessários para acelerar o aprendizado relacionado à nuvem.

Olhar para os clientes da AWS, hoje, e vê-los ganhar o mundo é entender que estamos cumprindo com a nossa missão de sermos 'enablers', de removermos obstáculos para que 'builders can build'.

Para ficar apenas em um exemplo, citaria a brasileira Hotmart, com sede em Amsterdã. Fundada há pouco mais de 10 anos, em Belo Horizonte, a Hotmart é hoje uma empresa com presença mundial que promove empreendedorismo e educação a distância (EAD) por meio de uma plataforma completa para produtores de cursos digitais e para alunos. É o talento e a excelência brasileira ganhando o mundo.

Olhando para minha trajetória nas últimas três décadas, é incrível ver um cenário completamente diferente daquele de quando comecei. Afinal, sou de um tempo em que muitos sonharam empreender e não prosperaram, pois não havia capital para se adquirir tecnologia. Não havia ambiente. Mesmo havendo muita vontade, muita oportunidade e muito potencial. Que bom que essa realidade mudou e que, dia a dia, vemos pessoas de todas as idades tirando suas ideias do papel, criando negócios, inovando e mantendo o ecossistema vivo.

Encerro com uma provocação, para mim e para meus colegas de jornada.

Será que conseguimos responder, quem sabe num futuro próximo, a uma nova e ainda mais relevante pergunta: “qual o papel das multinacionais brasileiras no desenvolvimento das capacidades digitais no mundo?”. Certamente, mais um incrível capítulo.



Cleber Morais

Diretor geral da Amazon Web Services Brasil (AWS)

Cleber Morais é Diretor Geral da AWS para o Brasil, liderando a operação comercial local. Com mais de 30 anos de experiência na indústria de TI, ele atuou na liderança das operações nacionais de empresas como Schneider Electric, Avaya e Sun Microsystems, além de ocupar os cargos de Presidente e CEO da Bematech. Em 2015, foi eleito “Executivo do Ano” pelo Valor Econômico.

Cleber é formado em Engenharia Elétrica, pelo Instituto Mauá de Tecnologia, e possui especializações nacionais e internacionais pela Harvard Business School, em Executive Education & Strategy; pela London Business School, em Decision Making for Leaders; pela INSEAD, em Mergers & Acquisitions e Corporate Strategy; pela Singularity University, em Exponential Technologies, no Vale do Silício, e pelo Programa de Gestão Avançada da Fundação Dom Cabral.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2020/01/15/numero-de-startups-no-brasil-aumentou-20-vezes-nos-ultimos-oito-anos-11-ja-sao-unicornios.html>. Acesso em 10/05/2021/
- 2 <https://acestartups.com.br/quais-sao-os-unicornios-brasileiros/>. Acesso em 10/05/2021
- 3 <https://distrito.me/>
- 4 <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT77962-16355,00.html>. Acesso em 10/05/2021